

## Apresentação

Desde a publicação de *Remediation: Understanding New Medias* (1999) de Jay David Bolter e Richard Grusin no final do século XX, as noções de transparência e opacidade ocupam um lugar central no avanço dos estudos intermidiais.<sup>1</sup> Tais noções foram apropriadas por inúmeros pesquisadores oriundos de disciplinas das áreas das Ciências Humanas e Sociais muito distintas, tais como os Estudos de mídia, os Estudos Literários, a História da Arte e as Ciências da Informação e da Comunicação. Esse sucesso conceitual se explica, em parte, pelo fato de que essas duas noções servem para designar várias maneiras pelas quais a mídia representa o real, que é muito amplo e muito maleável. Lembremos, como escreveu Delphine Bénézet, que a transparência se refere de maneira geral a “um certo tipo de representação visual que intenta fazer com que o espectador esqueça a presença do *médium* (seja a tela de uma pintura, filme fotográfico ou cinematográfico etc.) e fazê-lo acreditar que está na presença iminente dos objetos representados”.<sup>2</sup> A noção de opacidade, por outro lado, insiste naquilo que resiste a esta representação referencial do real. Como aponta a pesquisadora de estudos cinematográficos Silvestra Mariniello, “a intermedialidade [então] insiste na visibilidade da técnica, em sua opacidade, e chama a atenção para a mediação, a matéria, a diferença”.<sup>3</sup>

Para além desta primeira constatação, o inegável sucesso conceitual do binômio transparência/opacidade desde 1999, explica-se também pelo fato de se adaptarem particularmente bem para estudar as mídias – cinema, televisão, teatro etc. – ou produções midiáti-

<sup>1</sup> Ressaltamos que é evidente que essas noções preexistem a tal desenvolvimento. Ler, por exemplo, Géraldine Schrepfer, « L’ambiguïté transparence/opacité référentielle: quelques questions », *Scolia*, v. 11, no 1, 1998, p. 211-226.

<sup>2</sup> Delphine Bénézet *apud* Rémy Besson, “Prolégomènes pour une définition de l’intermédialité à l’époque contemporaine.” 2014. hal-01012325v2, p. 13. Disponível em : <https://univ-tlse2.hal.science/hal-01012325v2>  
Acesso em: 28 mar. 2025.

<sup>3</sup> «L’intermédialité : un concept polymorphe», em Isabel Rio Novo e Célia Vieira (org.), *Inter Média*, Paris : L’Harmattan, 2011, p. 18.



cas que nos são contemporâneas, baseadas em um registro da realidade e/ou que oferecem uma representação sonora e visual da realidade (mesmo que esta última seja amplamente reinterpretada); para criar um mundo imaginário.<sup>4</sup> Trata-se então de se perguntar o que, na própria mídia e/ou nas escolhas de uma equipe de criação, torna um dado processo de mediação transparente ou opaco. Ao estudar fenômenos tais quais as transferências midiáticas, trata-se também de poder ver o que se perde, o que se transforma, o que se cria em termos de opacidade/transparência durante uma mudança de mídia – um livro é adaptado para o cinema – ou durante uma adaptação intramidiática – a montagem de uma nova versão de uma peça de teatro, por exemplo.

Voltemos agora ao projeto de Bolter e Grusin em *Remediação*, conforme interpretado pelo teórico da intermedialidade Jean-Marc Larrue (pesquisador com quem realizamos uma entrevista para esta edição). Ele explica que tais autores:

defendiam a ideia de que, se o ser humano sempre foi fascinado pela transparência dos processos de mediação (o velho sonho naturalista de dar a ilusão de estar no real, quando de fato ele é apenas representado), também sempre foi atraído pela opacidade desses processos, ou seja, pela sua perceptibilidade. Por um lado, apreciam a ubiquidade que a ilusão permite (estar aqui e noutro lugar ao mesmo tempo); por outro, querem compreender os mecanismos, perceber ou ver os processos ilusionistas em ação.<sup>5</sup>

Essa citação nos permite enfatizar que essas duas noções são menos úteis para categorizar uma mídia ou uma produção cultural enquanto tal do que como polaridades. Em outras palavras, trata-se menos de determinar se este ou aquele elemento é típico de um processo de mediação ontologicamente transparente ou opaco do que de estabelecer como cada processo de mediação é, ao mesmo tempo, sempre transparente e opaco.

Por fim, devemos nos precaver contra qualquer tentação teleológica que faça com que a mídia ou as produções culturais se tornem cada vez mais transparentes ao longo do tempo e, portanto, cada vez menos opacas.<sup>6</sup> Pelo contrário, se a articulação entre transparência e opacidade ainda nos parece hoje uma chave para a interpretação operacional 25 anos após sua popularização por Bolter e Grusin, é porque, mais do que nunca, a mídia e as produções midiáticas atuais jogam com essa tensão entre opacidade e transparência.

Dentre os textos que contribuem para este dossiê, prevalece a relação entre literatura e outras mídias, em que o jogo entre transparência e opacidade se manifesta implícita ou explicitamente nas estratégias narrativas, nos procedimentos intencionados pelos autores ou na relação entre texto e imagem. Do poema ao romance, da literatura brasileira à francesa, passando pela literatura hispano-americana e a russa, a ideia do que é opaco ou transparente perpassa a totalidade dos textos, enfatizando a perceptibilidade do processo narrativo. É preciso ressaltar que a conhecida noção de opacidade e transparência estabelecida por Bolter e Grusin, na perspectiva da intermedialidade, é neste dossiê, emprestada à Emmanuel Alloa

<sup>4</sup> O próprio Bolter criticou a sujeição de seu próprio modelo interpretativo aos riscos da representação do real em "Radical mediation." *Critical Inquiry*, v. 42, no 1, 2015, p. 124-148.

<sup>5</sup> « Les études sonores en théâtre et la question du dispositif », Jean-Marc Larrue, Giusy Pisano et Jean-Paul Quéinnec (dir.), *Dispositifs sonores : corps, scènes, atmosphères*, Montréal : PUM, 2019, p. 35-36.

<sup>6</sup> Sur ce point précis, on diverge de l'interprétation proposée par Emmanuel Alloa et Yves Citton, « Tyrannies de la transparence », *Multitudes*, v. 73, no. 4, 2018, p. 47-54.

ou a teóricos brasileiros, a exemplo de Ismail Xavier, no audiovisual.<sup>7</sup> É o caso de Erivoneide Barros que, a partir da noção de montagem do cineasta russo Serguei Eisenstein, estabelece uma análise comparativa com o procedimento narrativo da montagem vertical no romance Anna Kariênina, de Liev Tolstói.

No que tange à poesia francesa, Júnior Vilarino examina a relação da transparência e opacidade com a alegoria em “O Cisne”, de Charles Baudelaire. Propõe que as condições materiais da transparência e da opacidade, no poema, relacionam-se com o contexto de violência política, censura artística e exclusão urbanística perpetradas pelo Segundo Império. Segundo ao autor, em “O Cisne”, a opacidade ocorreria em dois níveis: pelo expediente alegórico propriamente dito, que associa sub-alegorias incongruentes entre si e pela reflexão metalinguística, que remete ao próprio procedimento: “tudo em mim é alegoria”.

Sobre a relação entre texto e imagem, Mariana Roche explora a relação intermediária na poética de duas autoras, Leila Danziger e Marília Garcia. O corriqueiro se contrapõe ao poema de Danziger, em que emerge uma problematização da fotografia jornalística e sua perda de sentido na contemporaneidade. Já no texto poético e autorreflexivo de Marília Garcia, fotografia e texto se relacionam nas maneiras de apreender o espaço.

Kelvin F. Klein se debruça sobre um percurso de leitura pela obra da escritora argentina María Negroni, refletindo sobre os variados modos de articulação entre transparência e opacidade em seus livros. Tal percurso prioriza *Pequeno mundo ilustrado* (2021) e sua relação enciclopédica com o mundo. Klein busca refletir como a produção de Negroni é indissociável de uma consideração crítico-teórica acerca das conexões possíveis entre transparência e opacidade.

Augustto C. Cipriani persegue nos poemas visuais de Ana Hatherly, em *A reinvenção da leitura*, o uso da caligrafia na composição de textos visuais, explorando a visualidade e a gestualidade da escrita através da experimentação com a legibilidade do texto.

Dentre as contribuições para este dossiê, duas delas articulam a éfrase com opacidade e transparência. É o caso de Solange Padilha e Priscila Célio Giacomassi, que ao explorar a obra de Visconde de Taunay enfatizam o fato de o romancista direcionar o olhar do leitor, influenciando sua percepção estética. Desse modo, elas investigam as técnicas empregadas pelo autor para expor elementos da natureza na narrativa, que demandam do leitor um processo dinâmico de construção de sentido. Segundo elas, a interação entre transparência, opacidade e intermedialidade torna os escritos de Taunay ricos em significado e abertos a múltiplas interpretações.

Fabricio Vaz Nunes trata das representações textuais de imagens na novela “Viva mi fama” (1990), do escritor mexicano Carlos Fuentes, a partir do conceito de éfrase. O artigo procura demonstrar como as descrições de obras de arte – tanto reais quanto fictícias – do pintor Francisco de Goya são empregadas como elementos simbólicos para apoiar a construção narrativa.

Cacilda Bonfim e Luciano Façanha encontram na temática proposta – transparência e opacidade em textos e imagens – uma oportunidade para refletir sobre três narrativas autobiográficas de Jean-Jacques Rousseau, *Confissões* (escrita entre 1764 e 1770), *Diálogos: de Rousseau Juiz de Jean-Jacques* (composta entre 1772 e 1776) e *Devaneios do caminhar solitário*.

---

<sup>7</sup> Cf. XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. E também ALLOA, Emmanuel. Entre a transparência e a opacidade - o que a imagem dá a pensar. In: *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 7-19.

*rio* (elaborada entre 1776 e 1778), todas publicadas postumamente, utilizando as ideias de Hannah Arendt como fio condutor. A questão central da análise sobre Rousseau reside na observação arendtiana de que, na era moderna, houve uma redefinição do privado, transformando áreas de intimidade em objetos de escrutínio pela esfera social, sem que tais avaliações carregassem obrigatoriamente uma conotação política.

Finalmente, na entrevista realizada com Jean-Marc Larrue, pesquisador canadense da intermedialidade, Luciene Guimarães e Miriam de Paiva Vieira indagam sobre a noção de mídia na era digital atual. A ideia de que o termo “mídia” não existe, premissa defendida pelos autores Larrue e Marcello Vitali-Rosati, é discutida por Larrue que sugere uma nova acepção do termo levando em conta a dinâmica do processo midiático face à cultura digital.

Que tenhamos todos e todas uma excelente leitura!

**Os organizadores,**

Márcia Arbex

Rémy Besson

Biagio D'Angelo

Luciene Guimarães